



## O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA E O REENCONTRO COM O SENTIDO DA VIDA: EDUCAÇÃO INTEGRAL EM DIÁLOGO COM PRESSUPOSTOS FREIRIANOS E FRANKLIANOS

### THE AWAKENING OF CONSCIOUSNESS AND THE REUNION WITH THE MEANING OF LIFE: INTEGRAL EDUCATION IN DIALOGUE WITH FREIRIAN AND FRANKLIAN ASSUMPTIONS

### EL DESPERTAR DE LA CONCIENCIA Y EL REENCUENTRO CON EL SENTIDO DE LA VIDA: EDUCACIÓN INTEGRAL EN DIÁLOGO CON LOS PRESUPUESTOS FREIRIANOS Y FRANKLIANOS

Irenaldo Pereira de Araújo<sup>1</sup>  
Jonas Periarde de Araújo Raimundo<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este estudo investiga a aproximação entre os conceitos de consciência em Paulo Freire e Viktor Frankl, analisando suas contribuições para uma educação integral. Argumenta-se que o despertar do pensamento é um marco essencial no processo evolutivo da humanidade, permitindo ao ser humano não apenas saber, mas ter consciência de que sabe, o que possibilita uma reflexão sobre sua própria existência. Essa tomada de consciência conduz ao cultivo da liberdade como vocação essencial do ser humano. A Educação Integral é detalhada como uma abordagem que apoia a complexidade das questões educativas e estabelece um diálogo profundo com o contexto vivido. No pensamento freiriano, a leitura do mundo é o ponto de partida para a tomada de consciência, enquanto, na Logoterapia e Análise Existencial de Frankl, a consciência é concebida como *órgão do sentido*. Assim, o aspecto educativo tem como uma de suas principais tarefas afinar a consciência humana. O estudo identifica pontos de convergência entre os pressupostos freirianos e franklianos, como a visão integral do ser humano, a crítica à fragmentação do conhecimento e a valorização da consciência como caminho para o reencontro com a própria existência. A pesquisa evidencia que uma educação que fomente a reflexão e a autonomia do sujeito pode contribuir significativamente para o desenvolvimento humano e social.

**Palavras-chave:** Educação Integral; Logoeducação; Sentido da vida; Consciência; Pedagogia do Sentido

#### ABSTRACT

This study investigates the approximation between the concepts of consciousness in Paulo Freire and Viktor Frankl, analyzing their contributions to an integral education. It is argued that the awakening of thought is an essential milestone in the evolutionary process of humanity, allowing human beings not only to know, but to be aware that they know, which enables reflection on their own existence. This awareness leads to the

<sup>1</sup> Educador, licenciado em Pedagogia, especialista em Logoterapia e Análise Existencial, com doutorado em Educação, professor no Departamento de Educação – DEDUC, do Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. ORCID iD: 0009-0006-9155-7374. Email: irenaldo.araujo@ufrn.br

<sup>2</sup> Psicólogo, Especialista em Logoterapia e Análise Existencial, Mestrando em Psicologia na Universidade Potiguar. ORCID nº 0000-0002-5643-4145. Email: jperiarde@hotmail.com



cultivation of freedom as an essential vocation of the human being. Integral education is presented as an approach that recognizes the complexity of the educational phenomenon and establishes a deep dialogue with the lived context. In the Freirian thought, reading the world is the starting point for becoming aware, while in Frankl's Logotherapy and Existential Analysis, awareness is conceived as *organ of sense*. Thus, the educational aspect has as one of its main tasks to tune human consciousness. The study identifies points of convergence between Freirian and Franklian assumptions, such as the integral vision of the human being, the criticism of the fragmentation of knowledge and the valorization of consciousness as a path to reconnecting with one's own existence. The research shows that an education that fosters reflection and autonomy of the subject can contribute significantly to human and social development.

**KEY WORDS:** Integral Education; Logoeducation; Meaning of Life; Consciousness; Pedagogy of Meaning

## RESUMEN

Este estudio investiga la aproximación entre los conceptos de conciencia en Paulo Freire y Viktor Frankl, analizando sus contribuciones a una educación integral. Se argumenta que el despertar del pensamiento es un hito esencial en el proceso evolutivo de la humanidad, permitiendo al ser humano no sólo saber, sino ser consciente de que sabe, lo que posibilita la reflexión sobre su propia existencia. Esta toma de conciencia conduce al cultivo de la libertad como vocación esencial del ser humano. La educación integral se presenta como un enfoque que reconoce la complejidad del fenómeno educativo y establece un diálogo profundo con el contexto vivido. En el pensamiento freiriano, la lectura del mundo es el punto de partida para la toma de conciencia, mientras que en la Logoterapia y el Análisis Existencial de Frankl, la conciencia se concibe como *órgano de los sentidos*. Así, el aspecto educativo tiene como una de sus principales tareas la de sintonizar la conciencia humana. El estudio identifica puntos de convergencia entre los presupuestos freirianos y franklianos, como la visión integral del ser humano, la crítica a la fragmentación del conocimiento y la valorización de la conciencia como camino para reconectarse con la propia existencia. La investigación muestra que una educación que fomente la reflexión y la autonomía del sujeto puede contribuir significativamente al desarrollo humano y social.

**PALABRAS CLAVE:** Educación Integral; Logoeducación; Sentido de la vida; Conciencia; Pedagogía del Sentido

## 1 INTRODUÇÃO

É bem comum a afirmativa sobre o fato de uma pessoa não ter consciência sobre algo ou a respeito da necessidade de se investir na conscientização de grupos ou indivíduos sobre algum argumento. Entretanto, tal sentimento não estaria expressando o desejo de querer impor um conhecimento específico a alguém? É como se determinados grupos dependessem de um saber a ser depositado por quem está numa posição de superioridade! O que ora se expõe está relacionado ao que Freire (2021, p.



87) denomina de “concepção bancária”. Parte-se do princípio de que a consciência é imposta por meio de saberes externos, de forma antidialógica. Por outro lado, em perspectiva dialógica, Freire (2021, p. 95) apresenta a educação problematizadora como possibilidade que se constrói entre indivíduos, “mediatizados pelo mundo”. Enquanto uma prática educativa nega, a outra promove a dialogicidade, conforme assevera Freire: “[...] a concepção ‘bancária’ nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica” (2021, p. 95 – grifo do autor). Há de convir, que as pessoas se educam em comunhão, mediatizadas pelo contexto. Sendo assim, a consciência não é imposta, mas vai sendo desvelada.

É por meio desta prática educativa problematizadora que ocorre “[...] a superação do conhecimento no nível da *doxa* pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do *logos*” (Freire, 2021, p. 97 – grifos do autor). Sendo mais específico, a educação problematizadora oportuniza que o conhecimento humano esteja para além do senso comum. Diante tal realidade, os educandos vão se percebendo no mundo enquanto seres inconclusos “[...] conscientes de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do *ser mais*” (Freire, 2021, p. 101 – grifo do autor). A pronúncia do mundo abre caminhos a dinâmicas educativas que colaboram com o despertar da consciência. Daí a necessidade de se criarem mecanismos para que este despertar ocorra, por meio de diálogos com o contexto. Talvez o grande desafio seja o encontro de mecanismos que nos ajudem à leitura do mundo (Araújo, 2024), pois, somente a partir desta, é que podemos expressar a nossa fala, mediante apreensão do contexto em que se está inserido.

Neste aspecto, aponta-se como necessidade o investimento em processos de formação humana integral, os quais ocorrem a partir da compreensão do humano, enquanto “ser biopsicoespiritual” (Frankl, 2019, p. 14), ou seja, a compreensão do humano enquanto “[...] uma unidade e uma totalidade corpóreo-psíquico-espiritual” (Frankl, 2017a, p. 62), compreendida de forma unitária, em conexão com o ambiente e em sintonia com a “teia da vida” (Capra, 2006a). É por meio desta abordagem sistêmica, que se abrem conexões com a espiritualidade, “[...] enquanto experiência humana muito mais ampla e mais básica do que a religião” (Capra & Luisi, 2014, p. 343). Há um olhar para a espiritualidade enquanto aspecto antropológico.

A consciência sobre a sua humanidade possibilitará a cada pessoa um mergulho naquilo que lhe é mais sublime enquanto ser, que é o cultivo da sua vocação à liberdade.



Consciência que é por Frankl apresentada (2016, p. 24) como “órgão do sentido” e que vai sendo desvelada em relação: “[...] consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa” (2021, p. 98). O despertar da consciência ocorre mediante a construção de relações, tanto em âmbito existencial como com o contexto em que se vive.

O presente estudo tem por objetivo analisar aproximações entre o conceito de consciência em Paulo Freire (1921-1997) e Viktor Frankl (1905-1997), por meio da averiguação das suas contribuições a uma educação integral, tendo como ponto de partida seus próprios escritos. Enquanto relevância, há como destaque: a) em âmbito pessoal, a superação da visão mecanicista no campo educacional a um olhar complexo sobre o ser humano; b) em âmbito social, abrem-se perspectivas para um aprofundamento sobre a tomada de consciência, mediante o desvelamento da realidade existencial, por meio da apropriação da palavra; c) em âmbito científico, o presente estudo aponta para a importância do rompimento a paradigmas que compreendem o humano de forma fragmentada, ao trazer ao centro a pessoa na sua totalidade, provocando a saída de uma visão mecanicista e abrindo perspectivas a uma visão complexa, a qual interage não somente com o seu próximo mas também com o ambiente em que está inserido.

Neste estudo, a palavra consciência é o sujeito de investigação mediante o reencontro com o sentido da vida, em diálogo com pressupostos freirianos e franklianos e ocorre por meio de abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica, a qual, conforme assevera Marconi & Lakatos (2010, p. 44), aproxima o pesquisador “[...] em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”. Ao mesmo tempo, a abordagem qualitativa apresenta-se de forma relevante por nos conectar “[...] ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (Flick 2009, p. 20). Este estudo é oriundo de um trabalho de conclusão de curso de especialização em Logoterapia e Análise Existencial e aponta como objetivo central “analisar aproximações entre os conceitos de consciência em Paulo Freire e Viktor Frankl, evidenciando suas contribuições para uma educação integral”. Em seu percurso, busca-se compreender como a *consciência*, por meio da prática educativa, pode promover o reencontro com o sentido da vida. Ao mesmo tempo, problematiza a fragmentação do conhecimento e destaca a importância de uma formação humana integral, alinhada a perspectivas dialógicas e existenciais.



O presente artigo de reflexão, em sua estrutura, é iniciado por esta Introdução, seguido de uma Fundamentação Teórica, acompanhada por reflexões e discussões, organizadas a partir de uma temática central “O despertar da consciência e o reencontro com o sentido da vida”, subdivididos em três pontos: 1) *Por uma formação humana integral*; 2) *Diálogos freirianos com a formação humana integral*; 3) *Por uma educação em busca de um sentido para a vida*. O artigo segue com as Considerações Finais, às quais trazem aproximações entre pressupostos freirianos e franklianos por uma educação integral. Por fim, são apresentadas as Referências utilizadas como base à pesquisa.

## 2 O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA E O REENCONTRO COM O SENTIDO DA VIDA

O despertar do pensamento foi passo preponderante na evolução. “A mudança de estado biológico que atinge o despertar do pensamento não corresponde simplesmente a um ponto crítico atravessado pelo indivíduo, ou mesmo pela espécie”, conforme assevera Chardin (1995, p. 196). Diante disso, a transformação que ocorreu a partir deste despertar afetou não somente a vida na sua totalidade orgânica, mas o estado do planeta inteiro: “[...] a ‘camada pensante’, que, após ter germinado nos fins do Terciário, se expande deste então por cima do mundo das Plantas e dos Animais: fora e acima da Biosfera, uma *Noosfera*” (Chardin, 1995, p. 197, grifos do autor). Diante desta nova realidade, o planeta “[...] ‘muda de pele’. Melhor ainda, encontra sua alma” (Chardin, 1995, p. 197, grifos do autor).

Considerando tão importante fenômeno, o ser humano não pode ser visto como um ser passivo, pois, enquanto um ser reflexivo, vem dotado, conforme Chardin (1995, p. 186), não apenas de um conhecer, mas de um “[...] conhecer-se; não mais apenas saber, mas saber que se sabe”. A reflexão, conforme o citado autor, “[...] como a própria palavra o indica, é o poder adquirido por uma consciência de se dobrar sobre si mesma e de tomar posse de si mesma *como de um objeto* dotado de sua própria consistência e de seu próprio valor [...]” (Chardin, 1995, p. 186, grifos do autor).

O ser humano, por meio de tal despertar, segundo Rocha (2021, p. 104, grifo da autora), diferentemente dos animais, “[...] tem consciência de si mesmo; e todas as vivências humanas, de alguma forma, estão ligadas a essa consciência do ‘eu’ e à



liberdade de atuação sobre si mesmo[...]”. A reflexão é algo tão grandioso, sendo específico ao gênero humano.

Diante tamanha grandeza, há que se perguntar, por sua vez, sobre os porquês de se querer limitar a capacidade reflexiva de grupos humanos, considerando particularidades que lhes são específicas, perante vivências decorrentes de situações de vulnerabilidade social, econômica, ambiental e/ou existencial. Neste sentido, diante da negação de tamanho potencial, por tanto ouvir que não pode, não deve, não sabe, não é capaz, a pessoa entra num processo de definhamento, que pode vir a se expressar, desde uma timidez a uma negação de si, impedindo-lhe de que as suas potencialidades possam florir.

## 2.1 Por uma formação humana integral

A educação integral compreende o humano na sua totalidade, não se limitando ao ambiente escolar, mas ocupando toda a dinâmica da vida. Conforme Gadotti (2009, p. 97), ao falar sobre tal conceito, destaca que este “[...] refere-se à base da educação, que deve ser integral, omnilateral e não parcial e fragmentada. Uma educação integral é uma educação com qualidade sociocultural”. A aprendizagem passa a ser vista de forma holística. O humano vem a ser compreendido na sua totalidade.

Vale salientar que não se pode confundir educação em tempo integral com educação integral. A primeira está relacionada ao tempo de permanência do discente no ambiente escolar, enquanto a segunda considera as várias dimensões da vida em sociedade como possibilidade de ensino-aprendizagem. Entretanto, mesmo distintas, é importante o estabelecimento de diálogos entre ambas, pois, conforme destaca Lima, “[...] a busca por uma educação integral e em tempo integral tem como desafio primordial formar pessoas que possam exercer uma cidadania igualmente integral, não uma cidadania pela metade” (2019, p. 77). Neste sentido, rompe-se, por sua vez, com a visão mecanicista, que consiste no abandono do “[...] universo-máquina determinista, a explicação reducionista do complexo pelo simples, do todo pelas partes” (Morin, 2008, p. 118). Por sua vez, há uma busca pelo estabelecimento de diálogos com o humano na sua totalidade.

“Uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes”, é o que destaca Jorge Werthein na apresentação da edição brasileira de *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (Morin, 2000, p. 11). Somente uma



educação integral e de qualidade, que considere o humano na sua totalidade, é que vai estar em sintonia com os anseios da humanidade. Ao mesmo tempo, não se pode ignorar a relação do humano com o ambiente e nem com as interconexões com a teia da vida, conforme aborda Capra (2006a, p. 41), ao apresentar o pensamento sistêmico, em oposição ao pensamento analítico: “O pensamento sistêmico é ‘contextual’, o que é oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo”. É a partir desta realidade que o citado autor fala da necessária reconexão humana com a teia da vida e da implementação de práticas educativas que criam “[...] vínculos emocionais com a natureza” (Capra, 2006b, p. 13). Uma educação construtora de vínculos, cujas ações ocorrem numa *comum-união* do indivíduo com o outro, em conexão com o contexto e com a natureza, possibilitando o reencontro consigo mesmo.

Outrossim, há que se questionar uma educação que não considera o ser humano na sua totalidade, conforme destaca Rocha (2021, p. 84), ao fazer referência a Edith Stein, quando se dirige a educadores sobre os caminhos a uma formação humana autêntica: “[...] forma o homem de modo integral e o conduz à plena realização de si mesmo, em vista do bem comum, pois cada pessoa que se desenvolve de maneira plena e integral contribui para o crescimento e desenvolvimento do mundo ao seu redor”. A citada autora (Rocha, 2021, p. 87) lembra que Stein “[...] concebe que o objetivo principal da ação educativa é a formação humana”. Em tal contexto, é questionável uma educação “[...] que não leva em consideração o ser humano completo, mas que se limita a fornecer o acúmulo de informações, visando apenas ao desenvolvimento intelectual” (Rocha, 2021, p. 84). A consciência sobre a sua humanidade possibilita ao sujeito aquilo que é mais sublime na sua existência, que é a vocação para a liberdade.

Por sua vez, as ações educativas possibilitam o desabrochar de algo que já está no interior da própria pessoa. Aqui podemos lembrar a imagem apresentada por Sócrates, quando assemelha o papel do filósofo “[...] ao de uma parteira, que faz nascer o rebento depois de longa gestação” (Navarro, 2001, p. 23). Sendo assim, o profissional em educação pode vir a ser comparado a esta parteira, cuja missão não é dar à luz, mas oportunizar boas condições para que o parto possa ocorrer na sua plenitude. Aqui reportamos a Rocha (2021, p. 123), quando afirma que a “[...] formação é uma atividade que visa a atualizar as potencialidades já contidas na pessoa. É um processo que ocorre do interior para o exterior”. E mais,

Forma-se bem quando todas as dimensões do ser humano, corporal, psíquica e espiritual são consideradas e orientadas, para que cheguem à sua plena realização. É necessário ainda considerar o núcleo, ou alma da alma, no que existe a originalidade individual de cada um (Rocha, 2021, p. 123).

Neste aspecto, as ações educativas possibilitam o desabrochar de algo que já está no seu interior, em sintonia com todas as dimensões vida, contribuindo com o resgate da autoestima, por meio da força interior que é parte de sua humanidade.

## 2.2 Diálogos freirianos com a formação humana integral

Em sua ação educativa, o educador pernambucano Paulo Freire aponta recusas a mentalidades fatalistas, pois estas limitam a pessoa na sua condição de sujeito, de *ser-mais*. Conforme o autor,

A desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo. Neste caso, falar a, que na perspectiva democrática é um possível momento do falar com, nem sequer ensaiado. A desconsideração total pela formação integral do ser humano, a sua redução a puro treino fortalece a maneira autoritária de falar de cima para baixo, a que falta, por isso mesmo, a intensão de sua democratização no falar com (Freire, 2019, p. 113).

A quebra na dialogicidade possibilita a criação de barreiras entre as pessoas. Dificulta-se, portanto, a relação entre iguais, tornando-se em terreno fértil as situações de intolerâncias entre iguais e entre diferentes. A prática educativa freiriana possibilita o despertar para a humanização: “[...] além de lutar pela afirmação/conquista de sua liberdade. Essa busca de ser mais, de humanização do mundo, revela que a *natureza humana* é programada para ser mais, mas não determinada por estruturas ou princípios inatos” (Zitkoski, 2010, p. 369, grifos do autor). É a consciência que leva à aprendizagem. Sendo assim, “[...] a consciência é, em sua essência, um ‘caminho para’ algo que não é ela, que está fora dela, que a circunda e que ela apreende por sua capacidade ideativa” (Freire, 2002, p. 56, grifo do autor). Kronbauer (2010, p. 86) lembra que Freire ao discorrer sobre consciência propõe: “[...] uma forma de educação que propicie a reflexão radical, a reflexão sobre o próprio poder de refletir e que leva à liberdade de decisão [...]”. Em Freire (2002, p. 59), radical faz referência a descer às raízes, sendo assim, a pessoa que assim age “[...] rejeita o ativismo e submete sua ação à reflexão”. Nesta forma de agir não há dicotomia entre palavra e ação, considerando que a própria ação é um ato reflexivo.



Aqui vale destacar a importância da promoção de processos educativos que estejam em sintonia com a realidade existencial dos educandos, como ocorreu na pioneira experiência realizada por Paulo Freire na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, quando “[...] entre janeiro e abril de 1963, diplomou-se a primeira turma, com a presença do então presidente da República, João Goulart, que ministrou a quadragésima aula, das 40 horas” (Fernandes e Terra, 1994, p. 18). Foi aqui nesta cidade que ocorreu a pioneira experiência de alfabetização de adultos, que tinha como ponto de partida o levantamento do universo vocabular da população local, a fim de que fossem apresentadas as palavras geradoras, que vinham carregadas de muitas simbologias, associadas a vivências das pessoas do lugar. Somente a partir deste estudo é que se definiam os conteúdos a serem estudados e a forma como seriam apresentados. Esta experiência, pela sua eficiência, ocorreu em outras localidades, não somente no Brasil.

Para Freire (2002, p. 52), a relação vem a ser fator preponderante no processo de ensino-aprendizagem, considerando que as pessoas se educam, por meio da relação com o outro, mediatizadas pelo mundo. Diante disso, assevera Freire (2019, p. 24 – *grifos do autor*), “[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O processo educacional vem a ser um meio para fortalecer a vocação ontológica do ser humano, enquanto *ser mais*, considerando que este é um ser de relações e não de contatos: “[...] enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem o é da integração” (Freire, 2002, p. 51– *grifos do autor*). O processo de ensino-aprendizagem ocorre mediante a construção de aproximações.

É por meio da transcendência, pelo amor que o ser humano retorna a sua fonte, que é a razão da sua liberdade, a qual está associada diretamente a sua autonomia, “[...] que se funda na *responsabilidade*, que vai sendo assumida” (Freire, 2019, p. 92 – *grifos do autor*). Em Freire (2002, p. 48), a transcendência está “[...] na raiz de sua finitude. Na consciência que tem desta finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador”. A tomada de consciência sobre a sua condição no mundo vem a ser um caminho necessário a situações que insistem em negar a vocação ontológica, em busca da sua liberdade, que vai sendo conquistada mediante a pronúncia da palavra: negar a palavra a uma pessoa é negá-la existencialmente. A pronúncia do mundo vem a ser um ato de criação e recriação. O mundo desvelado é o mundo vivido. Ao pronunciar a palavra tantas vezes negada, a pessoa rompe silenciamentos que lhes



eram impostos enquanto negação do seu próprio ser. Não há um distanciamento entre a vivência da pessoa e a sua interação com o ambiente em que ela vive.

A palavra dita não é somente palavra, mas palavra-ação, é uma expressão da existência humana: o conteúdo trabalhado está intrinsecamente ligado à experiência existencial, conforme assevera Freire (2002, p. 112): “[...] uma alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores”. Ao mesmo tempo, Freire (2019, p. 92) também destaca que “[...] o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume”. A autonomia da pessoa vai tendo como fundamento a sua responsabilidade.

As situações-limite identificadas no contexto social e existencial vêm a ser ponto de partida à compreensão do espaço em que se vive. É a partir de tal contexto que nascem os temas geradores, que trazem como ponto de partida a experiência existencial dos educandos e que possibilitarão a construção dos conteúdos a serem trabalhados. Neste aspecto, valoriza-se muito a imersão do educador no contexto, a fim de que se estreitem as relações entre educadores e educandos. Em Freire, “[...] o que dá sentido à educação é a liberdade; assim, a transformação do pensamento mágico para o crítico é de fundamental importância para a transformação de sujeitos conscientes, sendo necessário na relação professor-aluno o diálogo, jamais a imposição” (Cavalcante; Aquino, 2010, p. 57). Uma prática educativa que contribui com o desvelamento da realidade possibilita um reencontro com o existencial das pessoas envolvidas.

Ao apresentar o seu método ao psicanalista Erich Fromm, conforme nos conta o próprio Freire (2003, p. 106), esta foi a sua reação: “Uma prática educativa assim é uma espécie de psicanálise histórico-sócio-cultural e política”. O reencontro com o existencial é possibilitado pela leitura do mundo e da palavra, conforme as palavras do autor: “Nem a leitura apenas da palavra, nem a leitura somente do mundo, mas as duas dialeticamente solidárias” (Freire, 2003, p. 106). Diante da tomada de consciência sobre a realidade, mediante a leitura do mundo, é onde se chega ao “inédito viável” – termo cunhado pelo próprio Freire (2003, p. 106), que faz alusão à concretização de sonhos possíveis.

A tomada de consciência, para Freire, possibilita ao educando e à educanda uma nova postura diante da vida e da sua relação com a sociedade em que vive. “A consciência se plenifica na palavra e na ação” (Rossato, 2010, p. 326). Há um vínculo entre o que se diz e o agir. Neste sentido, Rossato (2010, p. 326) também diz que a ação “[...] é, portanto, uma libertação da consciência, mas posteriormente é uma libertação



social, gerada por um pensamento dinâmico numa sociedade assumida como em mudança e devenir permanente”. Numa palavra, este jeito de sentir-pensar-agir é dito por práxis, que “[...] pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora” (Rossato, 2010, p. 325). Num contexto em que a palavra é negada, por sua condição de ser, tal pronúncia vem a ser uma reafirmação da existência humana.

Diante do exposto, como assevera Freire (2019, p. 81), o processo de alfabetização “[...] por exemplo, numa área de miséria só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-político-social de que vá resultando a extrojeção da culpa indevida”. É preciso que haja a expulsão de tudo aquilo que é motivo de opressão e de negação do ser.

### 2.3 Por uma educação em busca de um sentido para a vida

A importância desta tomada de consciência abre perspectivas de diálogo com a Logoterapia, conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, a qual é apresentada “[...] como um sistema psicoterapêutico que faz referência direta ao logos, como canal específico de aproximação aos padecimentos humanos” (Herrera, 2021, p. 283), tendo como fundador o médico neurologista e psiquiatra, e com formação filosófica, Viktor Emil Frankl, sobrevivente de quatro campos de concentração nazistas, durante a Segunda grande Guerra (1942-1945).

Quanto ao termo logoterapia, conforme explicação do próprio Frankl (2017a, p. 56, grifos do autor), “[...] o ‘logos’ significa muito mais duas coisas: por um lado, o sentido – e, por outro, o elemento espiritual”. Vale destacar que a logoterapia busca compreender o humano de forma integral, conforme assevera o próprio Frankl (2016, p. 186), “[...] de maneira alguma deixa de observar o biológico, o fisiológico; ela pretende apenas que o noológico não seja esquecido diante do fisiológico e do psicológico”. Entretanto, vale salientar que, “[...] por seu caráter científico, a logoterapia não deve ser identificada nem associada a um sistema diretivo, religioso ou tampouco deve ser tomada como um sistema de terapia religiosa”, conforme assevera Herrera (2021, p. 285). A logoterapia, por sua vez, tem um olhar ao humano na sua totalidade.

Um ser que é humano porque manifesta a unidade das dimensões somática, psicológica e existencial-espiritual. É precisamente nessa dimensão existencial-espiritual onde brilha a autêntica humanidade da pessoa, onde o ser humano é capaz de se localizar na sua situação pessoal histórica e

concreta. É aí onde o ser humano descobre a si mesmo, se quer aceitar o sentir-se como um ser que decide diante do seu aqui e agora das circunstâncias concretas. (Herrera, 2021, p. 284).

Quanto à expressão análise existencial, Frankl (2017a, p. 57) diz que “[...] não é nenhuma análise da existência, nem tampouco uma síntese da existência. Ao contrário, a análise existencial é uma explicação da existência”. É uma análise que prima pela compreensão do humano na sua totalidade. Sendo assim, conforme esclarece Frankl (2016, p. 228), “[...] a análise existencial é procura por sentido. E o sentido pelo qual ela procura é concreto, e essa sua concretude refere-se tanto ao caráter único de cada pessoa como também ao caráter único de cada situação”. Ela “[...] caracteriza e qualifica a essência da existência no sentido de que a *existência* é um modo de ser [...]” (Frankl, 2017a, p. 59 – grifo do autor).

A Logoterapia e Análise Existencial, enquanto tese central de seu pensamento, “[...] sustenta que a motivação primária do ser humano é o desejo de encontrar o sentido para a própria existência” (Miguez 2016, p. 165). “Ex-sistir”, para Frankl (2017a, p. 59), “significa sair de si e se apresentar ante si mesmo, uma dinâmica na qual o homem sai do plano corpóreo-psíquico e chega a si mesmo atravessando o espaço do espiritual”. A busca de sentido vem a ser, na verdade, a principal motivação que orienta a existência humana, sendo a consciência apresentada como órgão de sentido. Sobre esta afirmativa, diz Frankl (2017b, p. 85):

Sentido não só precisa, mas também pode ser encontrado, e na busca pelo mesmo é a consciência que orienta a pessoa. Em síntese, a consciência é um órgão de sentido. Ela poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação.

Desta forma, a busca de sentido possibilita à pessoa um despertar à vida mediante o cultivo de valores. A educação assume papel preponderante nesta busca, conforme destaca Miguez (2016, p. 169, grifo da autora): “Em sua busca de sentido, o ser humano é como que conduzido pela consciência, definida como a faculdade de intuir o sentido único e peculiar latente em cada situação: é o ‘órgão do sentido’”. Conforme a autora, “[...] Frankl coloca como centro da atividade educativa o papel de ‘afinar a consciência’ para descobrir aquele ‘único necessário’ a ser realizado em dada situação”. (Miguez, 2016, p. 169, grifo da autora). A logoterapia, conforme Frankl (2016, p. 174), “[...] é essencialmente educação para a responsabilidade”. A educação, por sua vez, conforme assevera Miguez (2014, p. 107), “[...] não pode mais ser concebida apenas em seu papel de transmitir conhecimentos ou valores, mas de preparar o homem para o desafio



constante de configurar sentido à vida, respondendo pessoal e criativamente a seus desafios”. A educação propicia ao ser humano o reencontro com aquilo que mais lhe identifica enquanto tal, com a sua consciência reflexiva.

O desvelar do sentido pode ser assumida enquanto importante tarefa da educação: “[...] la educación debería ocuparse no solamente de transmitir conocimientos, sino también de refinar la consciencia para que el hombre sea capaz de escuchar en cada situación la exigencia que contiene” (Frankl, 1988, p. 31). A consciência, enquanto órgão de sentido, possibilita o encontro do humano com aquilo que de mais profundo habita em seu ser, sendo assim, compreende-se o *afinar a consciência* enquanto principal tarefa educativa.

Em Frankl, “[...] a existência não só é intencional, como também é transcendente. A autotranscendência constitui a essência da existência. Ser humano é ser direcionado a algo que não a si mesmo” (2011, p. 67). É por meio desta essência que o ser humano pode sempre ir além de condições que lhes são impostas por meio dos instintos ou pelas condições ambientais, a que está submetido.

O ser humano não está preso a uma dada situação, mas, conforme assevera Frankl (2011, p. 69), “[...] vive por seus ideais e valores, e a existência humana não é autêntica, a menos que seja vivida de maneira autotranscendente”. Considerando que o sentido é único, de pessoa a pessoa, em tempos e espaços específicos, compreende-se a singularidade que representa a vida humana. E, por meio da consciência desta singularidade, a educação pode vir a ser uma importante trilha na descoberta do sentido para a vida.

É importante destacar que, para Frankl (2011, p. 81), sentido “[...] é algo a ser encontrado e descoberto, não podendo ser criado ou inventado.” A cada situação vivida somente há um único sentido. Ele não pode ser dado, mas encontrado. Se entro nesta busca, é preciso ter a certeza de que ele existe. O sentido pode ser encontrado, conforme

[...] à criação de uma ‘obra’, de uma boa ação; ou na experiência da bondade, da verdade, da beleza, da natureza e na cultura; ou, por último, mas não menos importante, no encontro de outro ser humano, em genuína unicidade – em outras palavras, no amor a outro ser humano (Frankl, 2011, p. 90).

É bom lembrar que “[...] a experiência mais nobre do sentido se reserva àquelas pessoas que, privadas da possibilidade do trabalho ou do amor, escolhem livremente uma atitude afirmativa da vida, erguendo-se por si mesmas e crescendo para além de si” (Frankl, 2011, p. 90). Sendo assim, é por meio do encontro do sentido que o ser humano



pode ir além das limitações provocadas no contexto vivido. O que vem fazer a diferença é a atitude que a pessoa tem perante uma situação de miséria e sofrimento.

Uma educação que prime pela busca do sentido está em sintonia com as três categorias de valores apontadas por Frankl: valores de criação, valores de experiência e valores de atitude. Conforme o próprio autor:

O primeiro grupo se refere ao que o homem dá ao mundo, sobre a forma de suas 'obras', de suas criações. O segundo relaciona ao que o homem recebe do mundo, em termos de encontros e experiências. Por fim, o terceiro diz respeito a atitude que se toma, à postura adotada diante da vida, quando se é defrontado com um destino que não se pode mudar (Frankl, 2011, p. 90, grifos do autor).

Em relação a estas categorias de valores, para Miguez, uma educação centrada no sentido para a vida traz o seguinte destaque:

Resumidamente, pode-se pensar nas seguintes perspectivas pedagógicas: educar para a criatividade, promovendo a experiência de "oferecer algo de si" ao mundo ou ao outro; educar para a convivência, promovendo as mais variadas experiências de cooperação, solidariedade, ajuda mútua, além da sensibilização para receber a relação entre o mundo do valor e da cultura. Quanto a terceira categoria de valores, pode-se pensar na grande gama de situações que possibilitam viver a capacidade de superação que gera crescimento para além de si próprio (2014, p. 125, grifos da autora).

A importância do cultivo dos valores ocorre porque, na verdade, o ser humano é capaz de viver e até morrer por eles. O resgate destes, a fim de reacender a chama da vida, pode proporcionar um novo desenho no projeto de vida de quem vive num dado contexto que relativiza até mesmo a própria vida.

Em diálogo com Frankl, a educação é provocada a uma abordagem da pessoa, conforme apontamentos de sua antropologia.

De sua parte, Frankl fez questão de erigir uma antropologia 'explícita', que tem como base as noções de "espírito" e de "dimensão" (ontologia dimensional). A primeira noção diz respeito à forma distintiva do ser da pessoa, enquanto que a segunda se relaciona ao modo por meio do qual o criador da logoterapia organiza as categorias que integram a unidade humana: corpo, psiquismo e espírito." (Pereira, 2021, P. 134, grifos do autor).

A pessoa está para além do universo psicofísico, ou seja é pessoa espiritual. E esta unidade está organizada em três dimensões: somática, psíquica e noológica. Ou no dizer do próprio Frankl:

O homem é mais do que o organismo psicofísico: é pessoa espiritual. Nessa qualidade, é livre e responsável, livre "do" psicofísico e "para" a realização de valores e o preenchimento do sentido de sua existência. É um ser que luta para realizar valores e preencher o sentido. Não identificamos no homem apenas a luta pela vida, mas também a luta pelo sentido da vida. E auxiliá-lo nessa luta é talvez a missão mais notável da ação psiquiátrica. (Pereira, 2021, p. 134, grifos do autor).

Como vem a ser importante a tomada de consciência sobre esta noção de liberdade, específica aos humanos, considerando que o espiritual é o somente livre na pessoa.

Em suma, os fenômenos especificamente humanos ligados entre si – autoconsciência e consciência – só são compreensíveis na medida em que interpretamos o homem como um ser capaz de distanciar-se de si mesmo, deixando o “plano” do biológico e psicológico e atravessando o “espaço” noológico. Essa dimensão especificamente humana, que nomeei noológica, não é acessível ao animal. (Frankl, 2020, p. 23).

De acordo com a antropologia frankliana, à medida que o ser humano manifesta a consciência de si, está acessando a sua dimensão noológica. É por meio da consciência que o ser humano pode realizar a experiência do *ser-mais*, podendo assim exercer a sua liberdade perante o seu destino biológico e psicológico. A dimensão espiritual possibilita ao ser humano uma visão complexa sobre a sua existência, abrindo perspectivas a construção de novas oportunidades apesar de desafios que lhe possa advir.

É por meio da antropologia frankliana que chegamos à Logoeducação, a qual, conforme Freitas, “[...] em tradução literal, é ‘educação por meio do sentido’, uma educação centrada no sentido, fundada antropologicamente, que tem clareza na pessoa que quer formar” (Freitas, 2020, p. 42, grifos da autora). Conforme a citada autora,

A Logoeducação pode ser aplicada dentro e fora do âmbito escolar e pode ser praticada não somente por professores, mas por todos os profissionais que são (ou deveriam ser) também educadores: Psicopedagogos, Assistentes Sociais, Advogados, Pediatras, Enfermeiros, Fisioterapeutas, Terapeutas Ocupacionais, Psicólogos, gestores, pais e mães, enfim, pessoas que trabalham com pessoas. (Freitas, 2020, p. 42).

Por sua vez, conforme a autora, a Pedagogia do Sentido ou centrada no sentido “[...] se refere à aplicação da Logoeducação no âmbito escolar, por profissionais da educação” (Freitas, 2020, p. 42). A Logoeducação e a Pedagogia do Sentido têm suas especificidades: a primeira tem um campo de atuação mais amplo, enquanto a segunda tem como ponto de partida o ambiente escolar. Em ambas, em comum busca-se afinar a consciência, a fim de que se possa apreender o que se passa no seu entorno, contribuindo com a construção de projetos, que possibilitem caminhos ao sentido da vida.

Herrera nos lembra que, enquanto perspectiva antropológica, a logoterapia “[...] pode ser incorporada ao sistema educativo em geral desde a escola elementar até a universidade” (2021, p. 385). Ao mesmo tempo, na perspectiva da Educação Popular, podemos destacar que a logoterapia pode nos acompanhar em trabalhos de educação de



base quanto à prevenção aos padecimentos da vida, junto a grupos populares que vivenciam situações de perdas de sentido, diante de tantas ameaças frente às suas tradições, às condições ambientais, sociais e culturais.

A Logoterapia se propõe à construção de caminhos em perspectiva interdisciplinar e interprofissional.

A logoterapia inclui, no campo diversificado da medicina, a psiquiatria, a psicologia e a psicoterapia, assim como o desenvolvimento humano e, mesmo na própria pedagogia, a imagem do ser humano considerado em sua unidade e em sua totalidade antropológica” (Herrera, 2021, p. 284).

Sendo assim, compreende-se o humano enquanto um ser que decide, que age com autonomia, cuja vocação primordial é para a liberdade.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O despertar da consciência e o reencontro com o sentido da vida foi o caminho seguido no decorrer desta apresentação, tendo como iluminação teórica o conceito de Educação Integral, em diálogo com pressupostos freirianos e franklianos, mediante o conceito de consciência. Estas aproximações pautam a necessidade da busca por ações educativas humanizantes e que contribuam com o despertar da consciência, a fim de que a pessoa cada vez mais se compreenda como um ser em relação. Diante deste despertar, promove-se a possibilidade de afinar a consciência para se estar em sintonia com a sinfonia que nos possibilita viver o que de mais específico existe em nossa humanidade: viver segundo o espírito humano.

Ao buscar aproximações entre Paulo Freire e Viktor Frankl, observa-se que ambos olharam para o ser humano de forma integral. De forma específica, enquanto o primeiro trabalha aspectos relacionados à liberdade, na perspectiva da educação, o segundo trabalha na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial. Frankl (2019, p. 32) compreende a educação “[...] voltada para o senso de responsabilidade”, possibilitando à pessoa a capacidade de escolha. Freire (2019, p. 105), por sua vez, ao discorrer sobre o sentido de uma pedagogia da autonomia, afirma que “[...] tem que estar centrada em experiências estimuladoras da decisão da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”. Neste aspecto, a autonomia vai se constituindo a partir das experiências de vida.



A cosmovisão frankliana aproxima-se da freiriana na forma de olhar o humano enquanto ser em relação, superando quaisquer possibilidades de compreendê-lo de forma fragmentada. Quanto às semelhanças entre Freire e Frankl, Cavalcante e Aquino (2010, p. 73) destacam inicialmente que ambos criaram novas metodologias a partir de sua área de estudo, além do mais apresentam os seguintes pontos: o homem como ser inacabado; a humildade como sendo relevante à aprendizagem; a presença da transcendência no ser humano; a importância da consciência humana; a oposição ao ensino tradicional e a massificação; a crítica ao determinismo e reducionismo na educação; a valorização do diálogo; a defesa do amor, da humildade e da capacidade criativa; a valorização do sentido ou significado existencial.

Como ponto de encontro entre pressupostos freirianos e franklianos, podemos apontar como destaque: o olhar para o humano de forma integral; a crítica à visão fragmentada de mundo; a importância da consciência para o reencontro com a própria existência; a conquista da liberdade em decorrência da tomada de consciência sobre a possibilidade de superação a algum aspecto limitante na vida.

Diante do estudo em questão, destaca-se a importância do investimento em ações educativas que contribuam com o despertar da consciência do humano enquanto ser. Vale salientar que é mediante a consciência de si que se abrem perspectivas à condição de educar. Neste aspecto, aqui se constata algo de específico entre os humanos, podendo assim dar passos diante de quaisquer condições que lhes aprisione enquanto ser: aqui ocorre a dinâmica da superação da condição de objeto à condição de sujeito. A consciência sobre a sua humanidade possibilita ao sujeito aquilo que é mais sublime na sua existência, que é a vocação para a liberdade.

O presente estudo não é conclusivo, mas abre perspectivas à construção de diálogos na busca de processos educativos, que considerem a pessoa humana na sua totalidade, em diálogo com o contexto em que vive e que busque este reencontro com a sua consciência, abrindo possibilidades na implementação de sonhos e de projetos de vida que estejam em sintonia com dinâmicas emancipatórias.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Irenaldo Pereira de. A leitura do mundo perante contextos marcados pela diversidade: o território enquanto chave para compreensão da palavra-mundo. **Saber**: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação, v. 24, n. 1, p. EE07-EE07, 2024.

- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006a. 256p.
- CAPRA, F. Como a natureza sustenta a teia da vida. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006b. 319p. pp. 13-15.
- CAPRA, F; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. Trad. Mayra Teruya Eicheberg, Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2014. 615p.
- CAVALCANTE, T. G.; Aquino, T. A. A. (2010). Sentido de vida e educação: estudo comparativo entre Freire e Frankl. In: Aquino, T. A. A.; Damásio, F. B; Silva, J. P. (Orgs). **Logoterapia e educação**: fundamentos e prática. São Paulo: Paulus (Coleção Logoterapia), 2010,179p. pp. 53-78.
- CHARDIN, T. **O Fenômeno Humano**. Trad. José Luiz Archanjo. 14ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995, 393p.
- FERNANDES, C.; TERRA, A. **40 horas de esperança**: o método Paulo Freire – política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Editora Ática, 1994, 223p.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia e existencialismo**: textos selecionados de logoterapia. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: É Realizações, 2020, 248p.
- FRANKL, V. E. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da psicoterapia. (Trad. Renato Bittencourt e Karleno Bocarro). São Paulo: É Realizações, 2019, 368p.
- FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial**: textos de seis décadas. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017a, 336p.
- FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. Trad. Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 18ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017b, 131p.
- FRANKL, V. E. **Teoria e terapia das neuroses**: introdução à logoterapia e à análise existencial. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2016.
- FRANKL, V. E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011, 222p.
- FRANKL, V. E. **La voluntad de sentido**: conferencias escogidas sobre logoterapia. Trad. Fundación Arché. Barcelona: Herder Editorial S. L., 1988. 300p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 77ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. 256p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 58ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, 143p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 10ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, 245p
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 150p.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.
- FREITAS, M. L. S. **Pedagogia do sentido**. 2ed. Ribeirão Preto: Instituto de Educação Victor Frankl – IEVF, 2020, 212p.

- GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire (Educação Cidadã, 4), 2009, 127p.
- KRONBAUER, L. G. Consciência. In: Streck, D. R.; Redin, E.; Zitkoski, J. J. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 439p.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básico, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 7ed. São Paulo: Atlas, 2010. 225p.
- MIGUEZ, E. M. **Viktor Frankl: sentido da vida e educação.** In: Machado, N. J.; Cunha, M. O. (Orgs). Linguagem, epistemologia e didática. São Paulo: Escrituras Editora, 2016, 399p.
- MIGUEZ, E. M. **Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl.** São Paulo: Paulus, 2014, 160p.
- PEREIRA, I. S. **Tratado de Logoterapia e análise existencial: filosofia e sentido da vida da obra de Viktor Emil Frankl.** São Leopoldo: Sinodal, 2021, 381p.
- LIMA, R. A. Educação Integral e Direitos Humanos: relato e reflexões em torno de uma experiência formativa exitosa. In: BRITO, Nazineide; MEDEIROS, Célia Maria de; GARCIA, Fátima (Orgs). **Educação Integral: reflexões e práticas.** Natal: Editora Caule de Papiro, 2019. 250p. pp. 77-86.
- MORIN, E. **O método: As ideias – habitat, vida, costumes, organização.** 4ed. (Trad. Juremir Machado da Silva). Porto Alegre: Sulina, 2008, 319p. Vol. IV.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. 118p.
- NAVARRO, E. A. Sócrates, o Mestre da Grécia e do Mundo. In: PLATÃO. **Apologia de Sócrates – Banquete: texto integral.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2001. 175p. pp. 13-38.
- HERRERA, G. P. **Viktor Frankl: Comunicação & Resistência.** Trad. Mitsuo Mário Chiguttik, Terezinha Oliveira Chigutti). São José dos Campos, SP: Editora Busca Sentido, 2021. 433p.
- ROCHA, M. C. M. **Edith Stein para educadores: formação integral em tempos de fragmentação.** Curitiba: Appris, 2021, 147p.
- ROSSATO, R. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 439p.
- ZITKOSKI, J. J. Ser mais. In: Streck, D. R.; Redin, E.; Zitkoski, J. J. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 439p.

*Submetido em: 16/07/2024*

*Aceito em: 25/02/2025*